

Redenção e Escatologia

Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa

**VOL. II – Idade Moderna
TOMO 2**

COORDENAÇÃO
Samuel Dimas | Renato Epifânio | Luís Lóia

Coordenadores

Samuel Dimas – Licenciado em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Licenciado, mestre e doutor em Filosofia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, onde é Professor Auxiliar, investigador integrado e membro da Direção do CEFi – Centro de Estudos de Filosofia. Membro da Direção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Tem como principais áreas de interesse académico: Filosofia Contemporânea, Teologia Filosófica, Filosofia da Religião, Filosofia da Cultura, Filosofia da Arte, Antropologia Filosófica e Filosofia Portuguesa.

Renato Epifânio – Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Professor Auxiliar no Instituto de Arte e Design. Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, da Direção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, da Sociedade da Língua Portuguesa e da Associação Agostinho da Silva. Integra a Direção da *NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI* e é o Presidente do MIL: Movimento Internacional Lusófono. Tem como principais áreas de interesse académico: Filosofia Lusófona, Filosofia da Cultura e Semiótica.

Luís Lóia – Licenciado em Filosofia, Pós-graduado em ‘Educação para a Cidadania’ e Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, pela Universidade Católica Portuguesa, é Professor Assistente Convidado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e Professor de Filosofia e Ciência Política do Colégio Manuel Bernardes. Investigador do Centro de Estudos de Filosofia (CEFi) da Universidade Católica Portuguesa e Vice-Diretor da *Revista Nova Águia*, tem como principais áreas de interesse académico a Filosofia do Conhecimento e do Direito, a Ética e a Estética, a Ciência Política e a Cidadania, áreas onde tem lecionado, investigado e publicado. Prepara, atualmente, o seu Doutoramento em Filosofia, com um estudo intitulado «Philosophy and Philomythia in Eudoro de Sousa».

Colaboradores

Alexandre Freire Duarte – CEHR – Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa / Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (Braga e Porto) / Faculdade de Educação e Psicologia da mesma instituição (Porto) / Instituto de Ciências da Saúde da mesma instituição (Porto) / Centro de Cultura Católica do Porto

Ana Luísa Marques – Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa /
/ IADE – Universidade Europeia

António Camões Gouveia – CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa /
/ CEHR – Universidade Católica Portuguesa

António Gil Malta – CEFi – Centro de Estudos de Filosofia da Universidade
Católica Portuguesa

Carlos Frederico da Silveira – Universidade Católica de Petrópolis – Brasil

Dalila Rodrigues – Instituto Politécnico de Viseu / CEAACP – Centro de
Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (Universidade de
Coimbra)

Delmira Espada Custódio – IEM da FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Eduardo Manuel Alves Duarte – Faculdade de Belas Artes da Universidade
de Lisboa

Fernando Esteves – Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Ciências Hu-
manas da Universidade Católica Portuguesa / UD – Centro das Taipas

Filipe Alberto da Silva – Área de Ciência das Religiões da Universidade Lu-
sófona de Humanidades e Tecnologias

Francisco Lameira – Departamento de História, Arqueologia e Património
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Frei António-José de Almeida OP – Académico correspondente da Academia
Portuguesa da História. Convento de Nossa Senhora do Rosário, Fátima

Isabel Morujão – CITCEM – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

João Rebalde – Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade
do Porto

José Luís Brandão da Luz – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Uni-
versidade dos Açores

Maria Isabel Roque – Universidade Católica Portuguesa / Universidade Eu-
ropeia / Laureate International Universities / CIDEHUS – Universidade
de Évora

Maria Teresa Amado – Departamento de História da Universidade de Évora /
/ CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Univer-
sidade de Évora / CEHR – Universidade Católica Portuguesa

Nuno Saldanha – UNICOM – IADE – Universidade Europeia / CHAM
– FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Patrícia Calvário – Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Paulo Campos Pinto – CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa

Paulo Pereira – Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Raquel Dias – Aluna do Mestrado Integrado em Teologia na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

Rodrigo Cunha – IADE – Universidade Europeia

Sergio de Souza Salles – Universidade Católica de Petrópolis – Brasil

Teresa Lousa – Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa / CHAM
– Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Índice

III PARTE

REDENÇÃO E ESCATOLOGIA NA ARTE DO MANUELINO AO BARROCO

<i>Introdução</i> – As imagens do Inferno, do Purgatório e do Paraíso Celestial na arte portuguesa da Idade Moderna	19
A. A redenção e a escatologia na arte do Manuelino ao Renascimento	19
B. O mistério da Redenção na arte do Maneirismo ao Barroco	36

CAPÍTULO QUINTO

A RESSURREIÇÃO E O PARAÍSO NA ARTE DO MANUELINO AO RENASCIMENTO

5.1. Redenção e Escatologia na Escultura do Manuelino e do Renascimento	56
5.2. Tomar: Nova Jerusalém?	65
5.2.1. Jerusalém	65
5.2.2. A sagração do território	71
5.2.3. O Santo Sepulcro	80
5.3. Redenção e Escatologia na pintura portuguesa do Renascimento	84
5.3.1. O ciclo dos grandes retábulos manuelinos, entre o final do século XV e as primeiras décadas do século XVI	84
5.3.1.1. O retábulo da capela-mor da sé de Lamego e o seu programa singular: Criação, Queda e Redenção	92
5.3.2. Imagens de redenção e escatologia na pintura portuguesa dos ciclos manuelino e joanino	103

5.4. A representação da Epifania na pintura do Manuelino e do Renascimento	112
5.4.1. A representação icónica manuelina e renascentista do contexto histórico e geográfico da narrativa da Epifania sob a imagética da adoração dos Magos	112
5.4.2. A adoração dos magos enquanto representação da universalidade do reino de Cristo e da unidade indissociável entre a filosofia, a ciência, a arte e a teologia, a razão, a emoção e a fé	117
5.5. Imagens do Paraíso no Renascimento	124
5.5.1. Paraíso celeste	125
5.5.2. O Julgamento do Paraíso	125
5.5.3. O Julgamento das Almas	129
5.5.4. Paraíso terrestre	133
5.5.5. O jardim do Éden e o tema da criação	134
5.5.6. O Paraíso terrestre na iconografia do Manuelino	140
5.5.7. O Paraíso na arte oriental de influência portuguesa	142
5.5.8. O Paraíso na arte portuguesa de influência oriental	147
5.6. Redenção e Escatologia no <i>Livro de Horas</i> dito de D. Manuel	150
5.6.1. Algumas precisões relativas à data, percurso e estrutura interna do <i>Livro de Horas</i> dito de D. Manuel	150
5.6.2. Redenção e escatologia no programa iconográfico do <i>Livro de Horas</i> dito de D. Manuel	154

CAPÍTULO SEXTO

INFERNO, PURGATÓRIO E CÉU NA ARTE DO MANEIRISMO AO BARROCO

6.1. Imagens de redenção e escatologia na obra de Francisco de Holanda	164
6.2. «Glória sobre o Tempo»: O repouso de Deus em Francisco de Holanda	176
6.2.1. <i>De Aetatibus Mundi Imagines</i>	176
6.2.1.1. A obra	176
6.2.2. Criação e Aliança	182
6.2.2.1. Impacto visual das imagens da Criação	182
6.2.3. O valor inestimável do Álbum	202
6.2.4. Conclusão: “Glória sobre o tempo”	206
6.3. A Transfiguração de Cristo e o seu simbolismo na pintura de Garcia Fernandes	208

6.3.1. A Transfiguração para o Homem no século XVI	208
6.3.2. Apontamentos biográficos do mestre Garcia Fernandes	209
6.3.3. Reflexão simbólica da Transfiguração na pintura de Garcia Fernandes	210
6.3.4. Entre o céu e a terra, a auréola luminosa que envolve Cristo: a Mandorla	212
6.3.5. Entre o céu e a terra, o monte Tabor como Mandorla	213
6.4. Um percurso escatológico do maneirismo ao proto-barroco: Gregório Lopes, Fernão Gomes, Pedro Nunes e Diogo Pereira	216
6.4.1. Gregório Lopes (c. 1490-1550) e a mudança antirrenascentista no programa escatológico da Ressurreição	217
6.4.2. Fernão Gomes (1548-1612) e um programa cristológico	219
6.4.3. Pedro Nunes (1586-1637) e a «Descida da Cruz»	221
6.4.4. Diogo Pereira (1630-1658) e uma iconografia proto-barroca do inferno	222
6.5. Arquitetura do Classicismo	227
6.6. Alcobaça e Mafra: redenção e escatologia na escultura barroca	238
6.7. Retábulos devocionais às almas do Purgatório	248
6.7.1. As almas no Purgatório	251
6.7.2. O Arcanjo São Miguel	251
6.7.3. O Senhor Crucificado	252
6.7.4. Nossa Senhora	252
6.7.5. Prenúncios do Triunfalismo Católico	253
6.7.6. Protobarroco	254
6.7.7. Barroco Pleno	254
6.7.8. Barroco Final	255
6.7.9. Rococó/Tardobarroco	256
6.7.10. Revivalismos	257
6.8. O Purgatório e a Santíssima Trindade, durante a Idade Moderna em Portugal	260
6.8.1. O aparecimento dos Painéis do Purgatório	260
6.8.1.1. A Intercessão (<i>Déisis</i>)	261
6.8.1.2. A Escatologia – o Juízo Final Universal	261
6.8.1.3. A Escatologia intermédia – o Purgatório	263
6.8.1.3.1. Painéis com intercessão dirigida a Cristo	263
6.8.1.3.2. Painéis com intercessão dirigida à SS. ^{ma} Trindade	265
6.8.1.3.2.1. Painéis com três planos: Inferno, Purgatório e Céu	268
6.8.1.3.2.2. A Igreja no Céu, na Terra e no Purgatório	269

6.8.2. As partes constitutivas dos Painéis das Almas	270
6.8.2.1. Zona superior	270
6.8.2.1.1. A Santíssima Trindade <i>do Saltério</i>	270
6.8.2.1.2. A <i>Déisis</i>	271
6.8.2.1.3. A Dupla Intercessão	271
6.8.2.2. Zona inferior	274
6.8.3. Os principais Santos intercessores pelos defuntos	275
6.8.3.1. Nossa Senhora	275
6.8.3.2. São Francisco de Assis	275
6.8.3.3. São Nicolau de Tolentino	276
6.8.4. A Santa Missa e as Almas	277
6.8.5. As Almas e o paraíso perdido	278
6.9. Entre o Céu e a Terra. A Escada de Jacob – Iconografia, simbologia e misticismo	285
6.9.1. Escada de Maria, Escada de Cristo	289
6.9.2. A Escada do Paraíso e a Escada mística	293

IV PARTE

O DESTINO ESCATOLÓGICO DO HOMEM NA FILOSOFIA, NA TEOLOGIA E NA ESPIRITUALIDADE DA IDADE MODERNA

<i>Introdução</i> – A natureza e a graça na modernidade da cultura portuguesa	301
A. A justificação e a santificação do ser humano pela fé, pelas obras de caridade e pela graça de Deus que é sua origem e fim	301
B. Natureza e graça, razão e fé, ciência e religião, sob o ecletismo de um iluminismo católico	311

CAPÍTULO SÉTIMO

A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ E PELAS OBRAS E A IMORTALIDADE NA GLÓRIA DE DEUS

7.1. A salvação do homem para a Glória do Paraíso de Deus no pensamento teológico-moral de <i>Rópica Pnefma</i> de João de Barros	332
7.1.1. A criação do espírito e do corpo do homem para a felicidade da Glória de Deus	332

7.1.2. A justificação pela fé, pelos valores espirituais e morais, pelos sacramentos, e pelas obras	336
7.2. Gaspar Frutuoso e a saudade no caminho da redenção do homem	341
7.2.1. A «alegoria frutuosiana» e a redenção do homem	343
7.2.2. As «saudades de tanto bem perdido»	346
7.2.3. Do conhecimento verdadeiro e da ação virtuosa	350
7.2.4. A saudade e o sentido último da vida	353
7.3. Frei Amador Arrais e a Escatologia Ortodoxa	358
7.3.1. Introdução: a morte e a esperança	358
7.3.2. Consolação e Ortodoxia	362
7.3.3. Conclusão: para a salvação eterna do homem	369
7.4. O mar é Caminho em Diogo de Sá	370
7.4.1. Introdução: vida e obra	370
7.4.2. A Inquisição	373
7.4.3. O Mar é Caminho	375
7.4.5. Fé, Conhecimento e Tolerância	379
7.5. O abraço à morte para o desabraço da morte na «Arte de Orar» de Diogo Monteiro	382
7.5.1. A mortificação no Horeb espiritual	383
7.5.2. Os dois olhares para a morte	386
7.5.3. A morte como definidora	390
7.5.4. Palavras em remate	394
7.6. Eva e Ave: anagrama da Redenção em António de Sousa Macedo	395
7.6.1. Biografia	395
7.6.2. Que lugar ocupa Maria na teologia seiscentista?	396
7.6.3. Estrutura, fontes e temas de Eva e Ave	398
7.6.4. A desobediência de Eva e a obediência de Maria	399
7.6.5. Conclusão: «levantado em Ave'»	402
7.7. D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) um inquérito com apontamentos escatológicos à margem	403
7.8. O céu de Violante: uma tensão escatológica entre <i>já</i> e <i>ainda não</i>	423
7.9. Bartolomeu de Quental, pregador da redenção do homem	433
7.9.1. Vida e obra pela reforma interior	433
7.9.2. Os enganos do mundo	439
7.9.3. Memória da morte e reforma da vida	445
7.9.4. Visão escatológica da vida	452
7.10. Frei António das Chagas: temporalidade, imperfeição da alma e união com o divino	458

7.11. Padre Manuel Bernardes. Os últimos fins do homem. Salvação e condenação eterna	467
7.11.1. Introdução: vida e obra de oratoriano	467
7.11.2. Salvação e condenação	469
7.11.3. Conclusão: à mercê da luta entre Deus e o Diabo	474

CAPÍTULO OITAVO

NATUREZA E GRAÇA, CIÊNCIA E FÉ SOB O ECLETISMO DE UM ILUMINISMO CATÓLICO

8.1. O Iluminismo Redentor de Verney à Luz das Cartas Italianas	476
8.1.1. Um messias cultural num iluminista católico	476
8.1.2. Sobre a Perseguição Jesuítica	479
8.1.3. Sobre a Reforma da Inquisição e outras felicidades futuras	482
8.1.4. O filósofo cristão, o ideal do progresso e as objeções à física dos jesuítas	483
8.1.5. Conclusão: o ideal de modernizar a nação portuguesa	487
8.2. A redenção da queda no pecado original e a herança da vida eterna, pela Lei Natural e pela Graça sobrenatural, no pensamento do Pe. Teodoro de Almeida	488
8.2.1. Vida de especulação científico-filosófica, de oração, de ação pastoral e de orientação espiritual	488
8.2.2. A Natureza como meio para Deus	490
8.2.3. A beleza criada é um reflexo da beleza divina	494
8.2.4. A redenção da condição de pecado original por Graça de Deus e por colaboração livre do homem no entendimento para a verdade e na vontade para o bem	497
8.2.5. A graça divina da salvação pelo batismo e o fogo vingador da outra vida para os condenados	501
8.3. A justiça de Deus: a salvação e a condenação eternas em Frei José Mayne	507
8.3.1. O legado da relação entre a fé e a ciência	507
8.3.2. A verdade da imortalidade fundamenta-se na lei natural e é extraída da razão	509
8.3.3. A justiça divina: salvação e condenação eternas	510
8.3.4. A salvação imortal das almas é certificada por razões de conveniência	512
8.3.5. A demonstração racional da imortalidade da alma apartada do corpo	513

8.3.6. As almas são distintas da substância divina e não foram criadas antes da existência dos corpos	515
8.4. A Ciência e a Missão do Clero em Frei Manuel do Cenáculo: as Luzes dos Estudos Físicos e da Fé	517
8.4.1. A Natureza, espelho de Deus	517
8.4.2. A física teológica setecentista	521
8.4.3. A matemática, linguagem da realidade	523
8.4.4. A Natureza naturante e a Natureza naturada	526
8.4.5. O finalismo utilitário da Natureza	528
8.4.6. A valorização do estudo da Natureza e a missão social do clero	531
8.4.7. Conclusão: por um ideal de reformismo e pedagogismo	533
8.5. Inácio Monteiro e o Iluminismo Jesuítico na Diáspora	534
8.5.1. O espírito iluminista de Inácio Monteiro	534
8.5.2. A obra científico-filosófica	538
8.5.3. Da filosofia como ciência divina	541
8.5.4. Existe uma Escatologia em Inácio?	542
8.5.5. Da imortalidade da alma humana	543
8.5.6. Conclusão: atualização do saber científico em diálogo com a segunda escolástica	547
8.6. António Pereira de Figueiredo, o jansenismo e a controvérsia teológica com os jesuítas	548
8.7. Manuel Álvares e o Novo Sistema da Criação	555
8.7.1. Manuel Álvares e as origens do Iluminismo do Oratório	555
8.7.2. A Lógica e a Verdade	556
8.7.3. A Criação, figura da Redenção	559
8.7.4. Conclusão: conciliação entre a religião e a ciência	565
8.8. O mistério da Ressurreição em Silvestre Pinheiro Ferreira	566
8.8.1. Breve biografia do filósofo	566
8.8.2. O Mistério da Ressurreição	569
8.9. A redenção do homem pela correlação entre o mérito das obras e a graça do Espírito divino na Teodiceia de Silvestre Pinheiro Ferreira	571
8.9.1. A cisão entre a razão e a revelação e a necessidade da analogia para o discurso sobre Deus	571
8.9.2. A experiência da misericórdia infinita de Deus e da esperança na justiça da vida escatológica pela graça da ação redentora do Espírito de Cristo ressuscitado	573

8.9.3. A distinção entre a visão grega da imortalidade da alma e o mistério cristão da ressurreição do corpo, para a condenação e para a salvação eternas	574
8.9.4. A escatologia intermédia do purgatório, entre a morte terrena e o dia do juízo final, e os sufrágios como meios de abreviar a expiação	575
8.9.5. A justificação pela gratuidade da graça e pelo mérito das obras	576
Bibliografia – Fontes e estudos	579